

JOSÉ CARLOS DANSIGER

Todos nós ainda estamos de luto: morreu José Carlos Dansiger. Esqueçamos de suas posições administrativas, esqueçamos dos seus erros de avaliação, esqueçamos, enfim, de suas faltas profissionais e humanas. Uma coisa é certa: com ou sem elas, Dansiger foi um modelo-padrão. Caminhou com a Vila Dois Rios durante quase dez anos, soube cruzar a fronteira da escassa falta de recurso financeiro, galgou a confiança e conquistou amizades. Deu festividade às datas, principalmente, de aniversário e personalidade que nos faz falta, ou não temos mais um animador igual. Mostrou a todos nós formas novas de festejar uma e outra data, como exemplo: Dia das Crianças e aniversários, lembrados com festinhas.

Quando chegava o Dia 10 de outubro, ele participava com esmero a frente dos preparativos e da Procissão de Nossa Senhora Aparecida.

Zelava pelo Oratório e a área da frente da imagem de Nossa Senhora Aparecida, onde há uma espécie de pracinha, irregular, onde todos os anos uma multidão vem dos diversos

pontos da Vila e de outros lugares se juntam para rezar.

Logo mais a frente, estas mesmas pessoas que rezam contemplam a pracinha circular, vulgamente conhecida pelo nome de "entrada do presídio", onde fica o Pedestal sustentando a casa do Oratório que durante o tempo da administração do Dan recebeu atenção especial. E isso acentuava o grau de incentivo a Fé Católica.

Ajudava a Comunidade a promover a Festa Junina e outras como, festa de casamento.

Deixou marcado a sua coragem, na esperança de dias melhores. Seu des- temor de promover algo que unia como foi a festa em sua casa, no dia 22/12/2005, inesquecível que marcou para sempre a vida de muita gente.

Quando a festiva concentração se dava no Centro de Convivência recebia um tom só dele.

Seu destemor, com todas as faltas de recursos, deixou no ar a coragem de enfrentar - da qual um administrador - penso em particular responsável pela coisa pública -

- não deve nem pode prescindir. E, além de tudo foi sempre um real motor deste lugar que hoje é mais triste.

Não me perguntem se concordo com tudo que Dansiger fez como responsável pela Vila Dois Rios. Minha resposta clara e sincera é não. Embora reconheço e não me vexo em proclamar, que, profissionalmente, nada fez que merecesse ou mereça, em tese, a minha integrou reprovação. Claro que nunca perdeu a calma e nem temperou seu estilo de trabalho ou de tratamento, com doses maiores de agressividade. Não sei se é por causa das diferenças que demonstrava ter, dos substratos da latinidade em cada um de nós, apelaria, em seu lugar, para uma linguagem mais contundente, para condimentos com maior grau de acidez.

A verdade é que Dansiger, além de ter sido excelente, foi um homem valente por manter diuturnamente na Vila Dois Rios. Provavelmente foi um excelente profissional: por ter sido, afora os atributos de inteligência, um homem corajoso. Pôs a pele em risco vezes e outra. Enfrentou a ira, pelo menos a antipatia, de alguns moradores, que depois o tempo apagou estas diferenças. Nunca correu da raia, para não houver uma expressão popular que é definitiva, como de resto costumam ser as expressões populares. Foi sempre da direita, nunca migrou para a esquerda, equilibrou-se entre os polos, as vezes conturbados por muitas infiltrações, do maniqueísmo decadente em que ainda teimam em dividir a Vila Dois Rios. Atravessou o tempo sem permitir que a ideologia alheia contaminasse seu ideário profissional, ou, pelo menos venceu incolume dos ferretes ideológicos, ou não deixou que interferissem no que precisava fazer, a ponto de deturbar o juízo em que tinha no trato dos assuntos enfocados, com as pessoas. Dansiger sempre tratou tudo a que lhe convinha tratar e quis tratar, e tratou com toda as maestrias e todas as consequências reais ou prováveis.

Agora mesmo, depois do trágico momento de 22 de dezembro de 2006,

sua residência oficial demonstra o quanto valorizou a Vila Dois rios, principal lembrança de sua vida profissional, as vezes prejudicada nos excessos de arranjos nos quais não raro se descaminham as pessoas com o seu jeito polêmico. Deixou que explodisse - jamais refreou, aliás - toda a opinião, muitas vezes desmedidas com que enfrentava os seus assuntos. Nunca foi sujeito de raiva e nem de orgulho, é prova disso polêmico, como quase tudo que fez em arranjos, era um ataque formal, por vezes descomedido, não só ao arranjo como a própria decoração. A linha que adotou até a data funesta esta expressa com muita clareza nas coisas que deixou por fora e por dentro daquela casa na Rua Paraná da Vila Dois Rios, que valoriza o lugar e assim pode sintetizar: A aquela casa, não é uma casa, é uma mansão, uma residência digna de um administrador, onde o seu zelo está a velar pra sempre, no silêncio, a sonorização lá obedece o linguístico não apenas num sentido físico, mas também mental e cultural, da varanda ao quintal, o jardim e a muralha reservam em cada detalhe um ramo verde, um pé-de-flor que era uma forte paixão de José Carlos Dansiger.

Uma coisa é certa, repito, ao cabo deste quase réquiem: mesmo com afeição que jamais sofreu, mesmo com crueldade que podem ser e quase sempre são fatais no exercício da função administrativa, e ele delas se utilizou a vontade, José Carlos Dansiger foi um modelo-padrão. É um padrão. Principalmente, - muita atenção! - para quem souber separar a pessoa e a função. E não desfazer da pessoa e nem esquecer da função que ela exerce. E não se espantem com a pessoa que até a morte. A aquela que está tão longe que nem parece tão perto como o amanhecer mais belo: cinco e meia, seis da manhã quando o meu vizinho da frente era acordado / um lírico sabia laranjeira, cujo canto da gosto ouvir, era uma manhã de fins de ano, louvado seja o Senhor, 23 de dezembro de 2006.